

RELIGIÃO E HORIZONTE UTÓPICO EM JOVENS DE COMUNIDADES

Aluno: André Gustavo Dias Lycurgo

Orientadora: Tereza M. P. Cavalcanti

Introdução

Foi feita uma pesquisa sobre a realidade de uma comunidade carente situada no município de São Gonçalo (RJ). Nessa pesquisa foram analisados o histórico e o valor político-libertador da *Rede Funk Social*, uma organização de jovens funkeiros locais, situando-a na seqüência do *funk* (internacional e nacional), incluindo suas raízes religiosas (*Blues, Gospel, Soul*).

Foi feito um estudo sobre o significado da "utopia", baseando-se no autor Tomás More, e um estudo de Antropologia Teológica, sobre o conceito de "Reino de Deus". Tentou-se em seguida relacionar a atitude dos jovens da *Rede Social Funk* com uma postura utópica que corresponde à noção de Reino de Deus na Teologia.

Objetivos

Analisar a *Rede Funk Social* e todo o legado histórico do qual ela provém. Desconstruir a idéia de que o *funk* e as comunidades carentes são propagadores de alienação e violência.

Operar uma mudança de mentalidade ressaltando as competências e as potencialidades desses jovens funkeiros.

Analisar o discurso dos jovens entrevistados, discernir os elementos teológicos emergentes e aprofundá-los à luz do pensamento utópico e da tradição cristã.

Metodologia

A pesquisa serviu-se de entrevistas pessoais e através da internet com os jovens da *Rede Funk Social*, conhecendo sua história, suas dificuldades e seus ideais. Ao mesmo tempo foi feito um estudo sobre a história do *Funk*, tanto internacional como nacional, de modo a identificar suas raízes, sua evolução e seu papel cultural na sociedade. Para isto foram consultadas uma tese de Doutorado, duas dissertações de Mestrado e uma monografia sobre o assunto, além do recurso à Internet.

Em seguida foi feito um estudo sobre o significado do termo "utopia" em Tomás More, situando esse autor na história do pensamento filosófico.

Finalmente chegou-se à pergunta sobre a relação da "utopia" com a noção de "Reino de Deus" proposta pela Teologia cristã. Para esse feito foi consultada a bibliografia dos cursos de Antropologia Teológica e Escatologia, unindo a Filosofia com a Teologia.

Conclusões

Através da *Rede Funk Social*, foi analisado o resgate da cultura, da música e dos bailes *Funk* numa perspectiva de justiça social e respeito pela pessoa humana. Ao contrário da imagem que se difunde pela mídia, foi resgatado o papel positivo de transformação social e

educacional de muitos grupos de jovens que se identificam com o *funk* e suas raízes culturais e religiosas.

Desenvolveu-se através das entrevistas uma interação entre o pesquisador e as atividades do grupo.

A pesquisa se propôs ainda a identificar as opções religiosas desses jovens, mas só obteve informações parciais. Ao contrário, ficou bastante clara, em todo o processo do estudo, a proximidade entre a opção dos membros da *Rede Funk Social* e a proposta do horizonte utópico do cristianismo.

Referências

1. GUEDES, Maurício da Silva; AUGRAS, Monique Rose Aimée. PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO Departamento de Psicologia. “A música que toca é nós que manda” : um estudo do “proibidão”. 2007. Dissertação (Mestrado em Psicologia)-Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.
2. MATOS, Ricardo Valadão Siqueira; MARTINS, Andréa França. PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO Departamento de Comunicação Social. “Imagens do funk no cinema nacional: estereótipos e linhas de fuga nas representações cinematográficas do baile funk”. 2008. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social)-Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
3. VIANNA, Hermano. UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO Departamento de Antropologia social. “O baile funk carioca: festas e estilos de vida metropolitanos”. Tese (pós- graduação em Antropologia Social)- Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1987.
4. DE FIORES, Stefano; GOFFI, Tullo. Dicionário de espiritualidade. 2. ed. - São Paulo : Paulus, 1993.
5. JAPIASSÚ, Hilton; SOUZA FILHO, Danilo Marcondes de. Dicionário básico de filosofia. 3. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1996.
6. FLORISTÁN SAMANES, Casiano; TAMAYO-ACOSTA, Juan-José. Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo. São Paulo: Paulus, 1999.
7. RUBIO, A. G. Unidade na pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs. 3.ed. rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2001.

SANTIDADE CRISTÃ HOJE: UMA REFLEXÃO TEOLÓGICA E O TESTEMUNHO DE EDITH STEIN

Aluna: Natalia Gomes Faustino
Orientadora: Lúcia Pedrosa de Pádua

Introdução

O tema proposto para esta pesquisa foi a vivência da santidade cristã nos dias de hoje. Não uma santidade heróica, que parece afastar os santos da vida concreta da maioria das pessoas, mas uma santidade humanizadora, ou seja, que torne o ser humano mais ético, mais fraterno e solidário para com os irmãos em Cristo Jesus.

Objetivos

A temática da santidade em nossos dias tem tomado diversas formas, principalmente para o ambiente laical. Por isso, tivemos o objetivo de clarificar o que realmente é a santidade cristã. Este objetivo principal se desdobrou em dois objetivos específicos. Primeiramente, desenvolver uma reflexão teológica sobre a santidade cristã, santidade esta que é de Jesus Cristo, pois está e deve estar pautada neste modelo da santidade. Num segundo momento, estudar a vida de uma santa, precisamente Irmã Teresa Benedita da Cruz, mais conhecida por Edith Stein, identificando as contribuições mais significativas deste testemunho que qualificam uma reflexão e vivência da santidade-humanização para o nosso contexto.

Metodologia

A metodologia aplicada foi baseada nas seguintes fontes: obras bíblico-teológicas de autores contemporâneos, Documentos do Magistério da Igreja Católica, literatura existente em língua portuguesa sobre Edith Stein e, de autoria desta autora, sobretudo, a sua principal obra *Ciência da Cruz* [1].

Tratou-se de uma pesquisa teórica, dividida em dois capítulos. No primeiro capítulo cujo título é *A noção de santidade na perspectiva bíblico-teológica*, fez-se necessária uma volta às fontes bíblicas. Foi vista a noção de santidade no Antigo Testamento e no Novo Testamento. Em seguida, foi realizado um estudo das distorções históricas que aconteceram à noção de santidade, sobretudo na Idade Média. Voltando à teologia contemporânea, privilegiou-se o estudo do Concílio Vaticano II, marco importante para história da Igreja, especialmente o documento da *Lumen Gentium* [2], que confere um novo sentido à noção de santidade, como “vocação universal”, mais próxima do sentido original bíblico. Depois, vimos como foi atualizado este conceito da santidade para o contexto da América Latina e do Caribe, através dos documentos das seguintes Conferências do CELAM: Medellín, Puebla, Santo Domingo e Aparecida. Outro documento, também estudado, de suma importância para a Igreja e, especialmente, para os leigos, foi a Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christifideles Laici* [3]. Ainda neste primeiro capítulo foram investigados alguns pontos teológicos de grande relevância para a noção de santidade, na perspectiva da cristologia e da antropologia.

No segundo capítulo, cujo título é *Edith Stein, um testemunho de santidade e humanização*, foi feita uma apresentação da sua vida e da sua principal obra, *Ciência da Cruz*, contextualizando o período histórico em que Edith Stein viveu. Edith foi uma mulher que viveu sempre em busca da verdade e a encontra naquele que se denomina “caminho, verdade e vida”, Jesus Cristo. Foram privilegiadas as perspectivas cristológica e antropológica na vida e nos estudos desta escritora e santa.

Conclusões

O estudo teórico permitiu uma maior compreensão da santidade cristã, visto que é algo atual, que todos os cristãos são chamados a viver. Ela pode florescer em qualquer tempo e

lugar, por mais adversos que sejam. Esta santidade tem como principais características cristificar e humanizar quem a busca e ama. Pois, se seguimos os passos de Jesus, nos tornamos pessoas mais humanas, abertas, solidárias e amorosas com o nosso próximo.

As reflexões teológicas que vislumbramos nesta pesquisa nos ajudam a entender melhor a temática da santidade e como ela foi tendo significados plurais ao longo do tempo. Com a grande contribuição do documento da *Lumen Gentium*, foi resgatado o sentido bíblico da santidade e atualizado o seu significado. Edith Stein, embora tenha vivido antes do Concílio Vaticano II, mostrou-se bem atual para nós, hoje. É um testemunho de santidade do século XX, viveu a serviço do Reino e do seu povo diante de um contexto que não favorecia estas atitudes. Um contexto cruel que quase dizimou o seu povo. Morreu como mártir, oferecendo sua vida pelo seu povo e dando um testemunho fiel do seu amor a Jesus Cristo. Hoje, percebemos que Edith viveu esta santidade que humaniza, pois não é uma santidade heróica, compreendida como aquela que tira a pessoa do mundo e a afasta de seus contemporâneos. Ao contrário, é uma santidade humanizadora, que nos faz mais solidários com o nosso próximo e mais inseridos no nosso tempo.

Referências

1 - STEIN, Edith. **A ciência da cruz**. São Paulo: Loyola, 1988.

2 - VATICANO II. “Constituição Dogmática ‘Lumen Gentium,’ sobre a Igreja”. In: **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II**. São Paulo: Paulus, 2001, p.101-197.

3 - JOÃO PAULO II. **Exortação Apostólica “Christifideles Laici” sobre a Vocação e Missão dos Leigos na Igreja e no Mundo**. São Paulo: Paulinas, 1990, p. 38-44.

A MÍSTICA CRISTÃ NA CONTEMPORANEIDADE

Aluno: Yan Piorno

Orientadora: Maria Clara Lucchetti Bingemer

Introdução

No período em que vivemos, o cristianismo sofre, devido à aceleração histórica e suas respectivas demandas, com a perda de espaço na sociedade. Entender o conflito da atualização da mensagem cristã e mística com a vivência pós-moderna é o nosso desafio nesta pesquisa.

A vida da Santa Tereza Benedita da Cruz, mais conhecida como Edith Stein, nos dá conteúdo satisfatório para observarmos a vivência cristã dentro deste contexto, em que a queda das referências ideológicas, a percepção ambígua e multiforme da realidade já são características inerente em boa parte da população, que se sente fragilizada, fragmentada e sem parâmetros. Dissolve-se a concepção integral do ser humano, sua relação como mundo e com Deus.

Edith Stein nos faz aprender a dialogar com as diferenças, a ser ecumênicos e a, acima de tudo, testemunhar uma vida piedosa capaz de entusiasmar qualquer um no que se refere à mística.

Objetivos

Desvendar esta sociedade pós-moderna e sua relação com a mística. Observar em Edith Stein sua experiência de fé e de como esta pode contribuir no dialogo ecumênico e ao contemporâneo pensamento cristão.

Metodologia

Partindo do contexto histórico, buscou-se compreender o período de transição da modernidade para a pós-modernidade, mostrando que esta nova contextualização é marcada pela crise do ser humano devido suas decepções e reações acerca da razão absoluta. Todas as afirmações transformam-se em dúvidas constantes que tornam o ser humano um ser fragmentado, sem base fixa, o que gerou um esvaziamento do sentido de história universal. Posteriormente, é identificado o contexto do surgimento do termo “pós-modernidade” como sendo o contexto artístico que, tinha por características uma liberdade de formas e sem bases fixas tornando-a uma arte independente. Tais características serão utilizadas para expressar, também, o contexto em desenvolvimento.

Assim, fez-se necessário, a partir desse estudo, elencar algumas características dos seres humanos que fazem parte deste novo paradigma histórico. Serão vistos como sendo contraditórios, fragmentados e sucessíveis a constantes mudanças, valorizando mais a liberdade individual em detrimento da liberdade coletiva.

A idéia que o ser humano tem de Deus acompanha a idéia de transformação pela qual ele passa. Por isso, com o enfraquecimento da idéia de Deus enfraquece-se, também, a idéia de homem, ficando reduzido a uma imagem difusa e insignificante. A religião é vista como algo exclusivo e privado, onde são apenas acolhidas as verdades convenientes ao interesse de

cada um. As religiões passam a ser vistas como um “supermercado” em que só se consome o que é atraente, prático e rápido.

Ao se desenvolver a mística neste contexto vemos o quanto esta é desvalorizada e desacreditada, sendo vista como algo distante e irreal. Faz-se necessário compreender que o real sentido da mística envolve o ser humano como um todo, não só no seu aspecto religioso, mas também o político e social. Tal desvalorização ocorre no seu próprio desenvolvimento histórico. A mística passa a ser vista apenas no âmbito sentimental e emocional, gerando um dualismo espiritual-corporal, em que o corpo seria a “prisão da alma”.

Assim, o verdadeiro místico cristão é aquele que, em seu tempo, realiza uma profunda experiência com Cristo e a vive dentro de sua realidade e que, a partir desta, é impulsionado a mudar o quadro de injustiça social no qual está inserido. Alguém que é atuante, não passiva e condizente com qualquer espécie de opressão.

Edith Stein ou Santa Tereza Benedita da Cruz, viveu num período de um profundo embate político. Os sentimentos intensos das guerras mundiais estavam aflorados numa inesgotável tensão global. Judia, convertida ao cristianismo no contexto de perseguição ao seu povo, nos oferece material suficiente de como a vivência mística pode ser exemplo de transformação e nutrição de fé no período em que vivemos. Como carear esta existência mística com a conjuntura pós-moderna, foi e é a nossa provocação.

Conclusão

Esta pesquisa nos mostra que, apesar das diversas transformações pelas quais passa, o ser humano sempre tende a buscar o sagrado, pois necessita de um apoio para que continue a sua luta diária em meio aos diversos sofrimentos que o aflige.

Vemos também que a figura do místico cristão é totalmente idealizada e não vista no seu verdadeiro aspecto: como um ser humano que, inserido em seu contexto e em total comunhão com Cristo, assume a vida deste como sua. Isso se reflete em sua própria experiência de vida, dentro de suas relações, dentro da história da qual faz parte. Logo, alguém que vive e atua, também, dentro do contexto da pós-modernidade.

Apontamos a capacidade que Edith tinha no diálogo ecumênico e inter-religioso, visto que sua origem é judaica, e de ser arquétipo cristão devido a sua ternura ao enfrentar as brutalidades de sua época. Sua luta parece ser um bom exemplo de como, em situação conflituosa, o ser humano pode desenvolver uma mística mais autêntica.

Referências

- 1- VANNINI, Marco. Introdução à Mística. 1.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- 2- FABRETTI, Vittoria. Edith Stein: Uma vida por amor: Uma jovem universitária, no silêncio do Carmelo, para uma doação total. 3.ed. São Paulo: Edição Paulinas, 2004.
- 3- BORRIELO, L. Dicionário de mística. São Paulo: Loyola: Pulus, 2003. 1084 p.
- 4- BINGEMER, Maria Clara Lucchetti; YUNES, Eliana. Profetas e profecias: Numa visão interdisciplinar e contemporânea. 1.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- 5- JOSAPHAT, Carlos. As Santas Doutoras: espiritualidade e emancipação da Mulher. 2.ed. São Paulo: Edição Paulinas, 2005.

O PRIMADO DA AFETIVIDADE NA COMUNICAÇÃO: UMA CRÍTICA TEOLÓGICO-PASTORAL AO MODELO TRADICIONAL DE MEDIAÇÃO DE CONFLITOS

Aluna: Denise Pires dos santos
Orientador: Abimar Oliveira de Moraes

Introdução

Na terceira etapa dessa pesquisa foi feita uma investigação qualitativa dos procedimentos do modelo de Mediação de Conflitos escolhido e adotado neste momento pelo TJERJ: o modelo tradicional de mediação judicial denominado *Modelo Pragmático que privilegia o acordo (mais rápido e independente do processo judicial)*. Além de considerar os resultados alcançados, relevamos igualmente a formação de mediadores e mediadoras que buscam adequar-se ao modelo escolhido frente às necessidades atuais e objetivos almejados pelo Poder Judiciário.

As populações do Rio de Janeiro provem de uma sociedade multicultural com uma diversidade de etnias, religiões, línguas e, principalmente, onde impera a dificuldade de acesso e permanência aos programas de formação profissional e educação fundamental que relevem a alfabetização das emoções e a importância da racionalização da comunicação. Tais diferenças no acesso aos instrumentos que viabilizam uma vida sustentável são garantidas pelos desníveis socioeconômicos que caracterizam o nosso tecido social. Sendo assim, as disputas ganham caráter violento e tendem a provocar impactos cada vez maiores na qualidade de vida das comunidades. Todos nós devemos defender um sistema que distribua justiça de forma eficiente e respeitadora. Porém, presumir que a implantação de projetos de pacificação social, no Poder Judiciário, restaure, mesmo que parcialmente, os danos provocados pela ausência de políticas públicas é uma abordagem otimista, mas insuficiente. Tal formulação, caso seja adotada por todo sistema, contribuirá pouco para redução do acirramento de diferendos interpessoais e comunitários, considerando que a eficácia da proposta pedagógica poderá ser comprometida, caso o formato a ser multiplicado, seja impregnado do pragmatismo burocrático, característico da dinâmica processual no espaço do Judiciário. Cabe destacar que a Teologia Pastoral também necessita rever a sua função social, porque a rigor tem deixado a desejar, enquanto ferramenta de reflexão, que visa restituir o poder de reescrever o futuro aos segmentos sociais marginalizados.

Objetivos

Estudar qualitativamente os procedimentos do modelo tradicional denominado *Modelo Pragmático*, escolhido e adotado na primeira fase de implantação do projeto piloto do TJERJ e, se tais procedimentos respondem à premente necessidade de novas ferramentas para minimizar a grande demanda de conflitos interpessoais e comunitários que vêm ganhando proporções assustadoras na nossa sociedade. Ou seja, buscar acordos entre pessoas e grupos em litígio por meio da transformação da dinâmica adversarial em uma dinâmica pactual.

Metodologia

O trabalho de campo está sendo desenvolvido no TJERJ. Na primeira instância, em duas Varas de Família (Primeira Vara de família em São João de Meriti e Segunda Vara de Família em São Gonçalo) e nos Juizados Especiais Criminais na Barra da Tijuca e Belford Roxo. Já na segunda instância, o trabalho de campo está sendo realizado na Sétima Câmara Cível em ações em que há necessidade de mediação parental. Nestes espaços a metodologia

está sendo aplicada. Nosso foco de observação: o grau de assertividade na comunicação, a relevância do fator afetividade na linguagem e as crenças culturalmente apreendidas que fundamentam a alocação de bens (justiça distributiva) das partes envolvidas. O questionário com a avaliação da satisfação do usuário ainda não foi efetivamente agregado ao escopo do projeto.

Conclusão

A advertência mais urgente que a Teologia Pastoral tem a fazer é que os modelos não incluem em suas técnicas, procedimentos que restabeleçam o equilíbrio emocional entre as partes em litígio como etapa preparatória para a restauração da comunicação. A resolução de um diferendo só tem início quando as partes, conscientes de que têm algo a dizer dão uma à outra o poder de falar sobre como as situações ocorrem para cada uma delas (enfoque retrospectivo). Todo mediador sabe que, o como ocorre uma situação, aparece na linguagem. Na mediação, o enfoque prospectivo a partir da linguagem baseada no futuro, altera a espiral de situações que aprisiona as pessoas, mas apenas quando o passado é rememorado com outro olhar (aspecto insuficientemente estudado na mediação penal). Numa sessão de mediação, as partes chegam sem ter consciência de que somos os produtores dos nossos próprios estados emocionais. Outro fator importante desconhecido, afirma [1] Jean – Louis Lascoux: *a confusão das emoções é desencadeada, sobretudo pela insatisfação de alcançar a possibilidade de ter mais poder sobre suas escolhas, associado aos sentimentos de ser desqualificado, enganado, maltratado*. Os mediadores são mestres do ambiente da conversa. Apesar de apresentado no curso de capacitação de mediadores como **um novo saber** que está em consonância com as necessidades de uma sociedade submetida ao desemprego crescente e a acelerada degradação da sustentabilidade pessoal e ambiental, o método “patina” na proposta de resgatar o protagonismo dos próprios atores envolvidos pelo cenário comum das situações de lide porque investe no enfoque prospectivo, praticamente, todo crédito para o sucesso da mediação. O Judiciário, frente à necessidade de resolver com urgência os problemas gerados pelo paradigma de que é o único responsável por legislar sobre a verdade e justiça, corre o risco de impregnar a prática da mediação de imediatismos, que segundo [2] Malvina Ester Muskat, representa um verdadeiro “massacre” da mediação: ser capturada, consumida e formatada por velhos dogmas incapazes de apreender uma nova capacidade de pensar, agir e existir. A mediação eficaz escuta para o futuro sem negligenciar o primado da afetividade (impresso na memória). Esta é uma das vias a ser considerada na restituição do poder de reescrever o futuro.

Referências bibliográficas

- [1] LASCoux, Jean – Louis. **A prática da mediação**: um método alternativo de resolução de conflitos; Ed. Rede Européia Anti- Pobreza, 2009. 221p.
- [2] MUSKAT, Malvina Ester. **Guia prático de mediação de conflitos**; 2ª Ed.; revista de SP: Sumus, 2008. 101p.

CIBERCULTURA E EVANGELIZAÇÃO – SOBRE A AÇÃO PASTORAL NO CIBERESPAÇO

Aluno: Alexandre Rangel

Orientador: Abimar Oliveira de Moraes

Introdução

Numa sociedade da informação e da comunicação, a evangelização através da ação pastoral precisa ser repensada. Precisamos verificar se é possível uma pastoral ciberculturada, inserida nessa nova cultura amplamente dominada e administrada por jovens em busca de novas e criativas maneiras de se comunicar, para que a *Boa Nova* possa ser um anúncio vivificante também no ciberespaço.

A cibercultura marca um retorno ao coletivo-comunitário e por isso deve ser objeto de estudo de uma fé ou de uma religião ou ainda, de um coletivo (Igreja como comunidade de batizados) que tem o comunitário com constitutivo do seu ser no mundo. O que realizamos com a pesquisa foram a identificação dos novos agentes de pastoral, suas atividades no ciberespaço, como é possível a edificação de igrejas virtuais-locais (Igreja local no ciberespaço), fazendo algumas considerações críticas sobre o que já vem sendo construído e apontando possíveis caminhos para o futuro.

Chegamos ao final da pesquisa com uma dupla conclusão: (1) É possível, urgente e necessária uma *evangelização ciberculturada*, pois querendo ou não, gostando ou não, o virtual já se fundiu ao real, construindo uma única realidade da qual participamos ativa ou passivamente. Parece então que o desafio para Igreja hoje é de ser também comunidade eclesial virtual, para que seja capaz de anunciar de maneira atual a *Boa Nova*. (2) Na atual sociedade globalizada não há mais invenção ou inovação particular e/ou individualizada, tudo se constrói agora através de coletivos inteligentes (coletivo de especialistas e/ou coletivo de coletivos). Não é o *download* por demanda, mas o *brainstorming* por colaboração coletiva que fará a diferença e construirá este novo espaço antropológico desterritorializado e fundado sobre as *comunidades virtuais* e as *comunidades tribais*. Logo, penso eu que este retorno ao comunitário seja uma oportunidade ímpar para o coletivo Igreja, para o anúncio da *Boa Nova* e para a atividade missionária dos novos discípulos e discípulas numa pastoral ciberculturada.

Palavras-chave

Cristo; fé cristã; cibercultura; ciberespaço; inteligência coletiva; internet; TICs; teologia pastoral; evangelização; igreja; inculturação; juventude; cooperação humana virtual; comunidades virtuais; web 2.0.

Referências Bibliográficas

Livros

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2005.

BÍBLIA DE JERUSALÉM, Nova edição, revisada e ampliada, Editora Paulus, São Paulo, 2002.

DESCARTES, René. *Discuso sobre o Método*, Hemus-Livraria Editor, São Paulo, 1978.

DOCUMENTO DE APARECIDA – Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, Editora CNBB, Paulus e Paulinas, 10a edição, 2009.

ESQUIROL, Josep M. *O respeito ou o olhar atento: uma ética para a era da ciência e da tecnologia*, Ed. Autêntica, Belo Horizonte, 2008.

FRANÇA MIRANDA, M. *Inculturação da Fé*, Edições Loyola, São Paulo, SP, 2001.

_____. *A Salvação de Jesus Cristo* – A doutrina da graça, Edições Loyola, São Paulo, SP, 2004.

GARCÍA RUBIO, Alfonso. *Unidade na Pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristã*, Editora Paulus, São Paulo, Brasil, 4a edição, 2006.

KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*, Editora Nova Cultural Ltda., São Paulo, 1999.

KEEN, Andrew. *O Culto do Amador: como blogs, MySpace, YouTube e a pirataria digital estão destruindo nossa economia, cultura e valores*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2009.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*, Editora 34, São Paulo, Brasil, 2000.

_____. *Inteligência Coletiva*, Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 2003.

LIBANIO, João Batista. *As Lógicas da Cidade: o impacto sobre a fé e sob o impacto da fé*, Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 2a edição, 2002.

LIPOVETSKY, G. *Metamorfoses da Cultura Liberal*, Editora Meridional, Porto Alegre, 2004.

MAFFESOLI, Michel. *O Elogio da Razão Sensível*, Editora Vozes, Petrópolis, 1998.

MANUAL DE REDES SOCIAIS E TECNOLOGIAS, realização: Conectas – Direitos Humanos Universais e Friedrich Eberto Stiftung.

MAZZAROLO, Isidoro. *Carta de Paulo aos Romanos – Educar para a maturidade e o amor*, Mazzarolo editor, Rio de Janeiro, 2006.

PAULO VI. *Unitatis redintegratio – sobre o ecumenismo*. Tradução: Francisco Catão, Vaticano II – Mensagens e Discursos, Editora Paulinas, São Paulo, SP, 1998.

TELLES, André. *Geração Digital*, Editora Landscape, São Paulo, Brasil, 2009.

TELLES, Maria Luiza Silveira. *Sociologia para jovens*, Editora Vozes, Petrópolis, 1993.

TEPEDINO, Ana Maria. *Encontro com a Igreja de Jesus Cristo (Eclesiologia)*, Coleção Iniciação Teológica, Departamento de Teologia da PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2006.

WITTGENSTEIN, L. *Investigações Filosóficas*, Editora Nova Cultural Ltda., São Paulo, 1999.

Artigo de revista

NOVAES, Regina. *Os jovens “sem religião”: ventos secularizantes, “espírito de época” e novos sincretismos*. Revista Estudos Avançados 18 (52), publicação quadrimestral do Instituto de Estudos Avançados da USP, 2004, p. 321-330, São Paulo.

REVISTA ÉPOCA, Editora Globo S.A., São Paulo, 15 de junho de 2009.

Artigo de revista eletrônica

BENTO XVI. *O sacerdote e a pastoral no mundo digital: as novas mídias a serviço da Palavra – Mensagem do Papa Bento XVI para o 44o Dia Mundial das Comunicações Sociais*, Libreria Editrice Vaticana, Vaticano, 2010,

http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20100124_44th-world-communications-day_po.html – última visita: 18/06/2010.

NEPOMUCENO, Carlos. *Blog “Nepôsts – Rascunhos Compartilhados”*, <http://nepo.com.br/> – última visita: 18/06/2010.

RITS, http://www.rits.org.br/redes_teste/rd_tmtes_fev2007.cfm – última visita: 03/07/2009.

SANTOS, R. E. dos e CARDOSO, J. B. (Org.). *Mutações da Cultura Midiática*, Ed. Paulinas, São Paulo, 2009.

SOCID, <http://www.socid.org.br/> – última visita: 18/06/2010.

O PRIMADO DA PEDAGOGIA DA COMUNICAÇÃO AFETIVA COMO VIA PARA O DESENVOLVIMENTO DA MEDIAÇÃO DE CONFLITOS

Aluna: Marisa Targiano Schueler de Carvalho

Orientador: Abimar Oliveira de Moraes

Introdução

Na terceira etapa dessa pesquisa de fundamentação bíblica foi feita uma investigação sobre o modelo comunicacional predominante nas Escrituras Sagradas do Novo Testamento. A Antropologia Teológica reconhece que o conflito é proveniente das dificuldades que todos temos de concretizarmos uma experiência relacional interpessoal e comunitária com senso de alteridade.[1] Na carta aos Efésios 4, 22-24 Paulo alerta a comunidade que por causa do homem velho, modelo comportamental a qual estamos presos, não conseguimos apreender a gratuidade e por este motivo buscamos sempre compensações na convivência com os outros. Acrescenta que a violência é considerada a arma eficaz para defesa dos interesses e que o perdão, por implicar em amar com o coração inteiro se torna inviável. Já a injustiça se expressa sempre no exigir do outro aquilo que não lhe dá. No entanto o que mais compromete o homem novo aprisionado pelo homem velho é sobre tudo o medo do que ainda não conhece e o medo de fracassar. Já o Homem Novo, defende Paulo, sabe que ser pessoa é ser criador de si próprio à imagem e semelhança de Deus, e ser instrumento de humanização para os outros; sabe perdoar sem que se lhe peça desculpa, porque o seu perdão precede o arrependimento do outro; é acolhedor e tolerante. Não julga as pessoas pela aparência nem lhes põe etiquetas; é amável, ou seja, é uma pessoa digna de ser amada porque se torna fonte de Vida e riqueza para aqueles que com ele se encontram. O “velho” e o “novo” estão presentes na nossa vida criando uma realidade tensa, dentro e fora de nós, pois mudança de vida implica em tensões e conflitos também na relação com os outros: agressões, incompreensões, rejeições.

Objetivos

Identificar nos relatos bíblicos e na Antropologia Teológica fundamentação que refletisse os procedimentos que poderiam, hoje, constituir a teoria e métodos das técnicas da mediação de conflitos. Servir de fundamentação: na elaboração de ferramentas com o objetivo de proporcionar uma autêntica experiência comunitária eclesial e na capacitação dos agentes de pastoral a trabalharem com as vítimas de violência dentro e fora do ambiente eclesial.

Metodologia

A metodologia de pesquisa desenvolvida utilizou processos de aproximação para comparação entre os modelos de comunicação defendidos nas Sagradas Escrituras e os modelos vigentes que constituem os métodos acolhidos, segundo Malvina Ester Muskat[2], pelo Instituto da Mediação. Coube a este estudo identificar fundamentalmente a relevância dada à comunicação e a maturidade afetiva, presentes nos textos do Novo Testamento, nas práticas pastorais dos nossos tempos.

Conclusão

O Novo Testamento e o Instituto de Mediação de Conflitos partem do princípio que o diferendo é um fato da vida, pois são inerentes à condição humana já que as pessoas são diferentes umas das outras, possuem visão pessoal e particular de suas próprias realidades e por isso têm pontos de vista distintos e via de regra controversos. Em ambas as abordagens o conflito é observado de uma forma positiva e não como algo insuperável e por isso destrutivo.

As situações de impasse são oportunidades de mudança e crescimento. Momento propício para construção de soluções criativas e participativas. Cabe destacar que nas Sagradas Escrituras o ser humano é chamado a ser solidário porque foi criado à imagem de um Deus solidário. A humanização passa pela relação pessoal com Deus e com os outros seres humanos. Co-humanidade é ser e existir “com” e “perto” a outras pessoas. A alteridade se compõe de “ver e ser visto” e de “falar e escutar”. Já o Instituto da Mediação, apesar de essencialmente laical fundamenta-se na inteligibilidade como ferramenta indispensável no processo de humanização das relações.

Referências bibliográficas

[1] *Ef.* 4, 22-24.

[2] MUSKAT, Malvina Ester. **Guia prático de mediação de conflitos**; 2ª Ed.; revista de SP: Sumus, 2008. 101p.

ELEMENTOS DE ANTROPOLOGIA TEOLÓGICA

Aluno: João Marcelo Vaz
Orientadora: Tereza Cavalcante

Introdução

Foi feita uma pesquisa sobre a ação do Grupo *Rede Funk Social*, de São Gonçalo, no Rio de Janeiro, procurando identificar aspectos que podem ser interpretados à luz da Antropologia Teológica.

Objetivos

Identificar elementos de Antropologia Teológica presentes na *Rede Funk Social*.

Metodologia

A pesquisa foi realizada com base nas informações colhidas no Site da *Rede Funk Social* e em entrevistas com os seus membros. Baseou-se ao mesmo tempo nos estudos que realizei recentemente com o professor Pe. Mário de França Miranda, em Antropologia Teológica II, na PUC-Rio.

Conclusões

A *Rede Funk Social* tem o objetivo de unir jovens de São Gonçalo através de músicas que trazem a realidade do cotidiano de seu Município e despertar sua atenção para a necessidade de transformar os valores presentes na comunidade. Engajada em ações que visam promover educação, cidadania, saúde, arte e cultura, vem ajudando e tirando muitos jovens das drogas, da violência, da alienação e da falta de perspectivas profissionais. Conseguem orientar o jovem a refletir sobre o presente e o seu papel como ser humano, como agente transformador, capaz de ser protagonista de sua própria história, em lugar de mero manipulado ou arrastado pelas influências negativas, falta de discernimento e de preparo para enfrentar a vida em seus diversos níveis. Ajuda, assim, a formar uma consciência mais clara sobre o mundo, os acontecimentos e suas repercussões, tornando a comunidade mais solidária, mais fraterna e portanto menos egoísta e fechada, individualista e hedonista.

Contribui com uma sociedade que consegue estreitar relações, expressar sua identidade e valorizá-la, possibilitando a todos partilharem uma meta comum de esperança na construção de uma sociedade de justiça e de paz.

Dessa maneira foi possível identificar pontos em comum com a Antropologia Teológica atual, mais precisamente com o que ela hoje nos traz sobre a Salvação dada por Deus através de Jesus Cristo. De fato, a *Rede Funk Social* realiza, através de ações concretas, a vontade de Deus, que é a própria salvação do homem, através do que chamamos de “Atitude Fundamental de Jesus Cristo”^[1]. Esta nos leva a uma orientação profunda, que repercute nas opções concretas, pela nossa liberdade e no cotidiano de nossa existência.

A ação salvífica do Espírito de Deus não se limita ao interior do Cristianismo, pois é derramado sobre toda a humanidade (At 2,17) e sopra onde quer (Jo 3,8), precedendo mesmo com sua atividade a mensagem explícita da Fé Cristã. Segundo Rm 2,6-11, para a Fé Cristã, a prática do bem acontece por obra do Espírito Santo e é considerada via salvífica mesmo despojada de expressões religiosas. Assim entendeu esse texto o Concílio Vaticano II (DV3). Essa prática do bem acontece em contextos bem determinados, sendo, portanto, diversificada e plural. Deus se encontra no outro (Mt 25). É no próximo que se encontra a Deus. A cada vez que me encontro com o meu semelhante tenho a oportunidade de amar e de ser amado. O

[¹] Todo o elaborado nesta parte da pesquisa foi extraído do estudo recente da obra do Autor Mário de França Miranda, *A Salvação de Jesus Cristo, a doutrina da Graça*, Ed Loyola, São Paulo, 2004 ; e também do curso de Antropologia Teológica II

amor de Deus, portanto, não se dá sem o amor ao próximo (1Jo 4,11). Todos têm uma ordenação para Deus. Toda pessoa humana foi criada para acolher a Deus como sentido último de sua vida, como sua realização suprema, como sua salvação. Deus que nos cria para o acolhermos é também quem nos possibilita este acolhimento. Ao obedecer ao dinamismo salvífico do Espírito Santo, no compromisso desinteressado por seu irmão, tem a pessoa experiência dessa ação salvífica, embora não de modo reflexo ou temático.

Para a Antropologia Teológica Cristã, o amor de Deus, que atua na orientação profunda do ser humano, é Graça santificante. E isso é mais fundamental do que qualquer nomeação ou identificação com a religião. A graça santificante goza de estabilidade, construída através de opções voltadas para o outro, ao contrário do processo de pecado grave, egoísta, voltado apenas para o “eu”. O Cristianismo chama de Sinais, as ações concretas boas, atingindo portanto, a totalidade da pessoa, sua história. Cada um de nós é a história de sua liberdade, podemos crescer ou diminuir, em processo de abertura ou de fechamento, vida ou morte. O essencial da Fé Cristã é a resposta livre à interpelação do ser humano por Deus, que livremente e espontaneamente tudo dá, até mesmo a condição do ser humano de responder ao seu chamado. Quanto mais o ser humano é livre, mais dependente de Deus ele se torna. A salvação do Ser humano é o próprio Deus, sentido último de sua existência. Não somente como recompensa na outra vida, mas já no interior da história da humanidade e da existência do indivíduo. Porém, a Salvação do ser humano deve apresentar realizações históricas que a comprovem nas situações concretas em que ele se encontra.

Ora, pode-se verificar esse tipo de realização no caminho percorrido pelos os indivíduos do grupo pesquisado, em suas metas e nos desafios por eles aceitos. De fato, eles expressam um sentido de vida cuja finalidade é responder positivamente a Deus, embora de forma diversa daquela de uma consciência e engajamento Cristão explícito, pois a forma livre mesma de Deus agir é soberana e pluriforme.

Referências

- 1 - MIRANDA, Mário de França . A Salvação de Jesus Cristo. **A doutrina da graça**, Ed Loyola, São Paulo,2004.
- 2 – Constituição Dogmática Dei Verbum. Concílio Vaticano II
- 3 - MIRANDA, Mario de França. **Inculturação da fé**: uma abordagem teológica. São Paulo: Loyola, 2001.

A INVESTIDA DE NABUCODONOSOR CONTRA JUDÁ: APROXIMAÇÃO E CONFLITO DOS DADOS BÍBLICOS E EXTRA- BÍBLICOS

Aluno: Monique Webler Weyne
Orientador: Maria de Lourdes Corrêa Lima

Introdução/Objetivos

Esta pesquisa buscou aprofundar e confrontar os dados bíblicos e extra-bíblicos em torno do assédio e tomada de Nabucodonosor a Judá. Os dados bíblicos foram retirados dos Livros das Crônicas, 2 Reis, Jeremias e de Ezequiel, especificamente Ez 17,1-24. E os dados extra-bíblicos foram recolhidos das Crônicas Babilônicas (B.M. 21946), da terceira carta dos Óstraca de Láquis e dos vestígios arqueológicos do território de Judá. Com a análise dos dois elementos (bíblico e extra-bíblico) se verificou a possibilidade de uma relação entre ambos.

Metodologia

A primeira parte da pesquisa se deteve a investigar os acontecimentos relativos ao período da ameaça babilônica. Foram examinados os contextos sócio-político, cultural e econômico de Judá, no período de 609 a 587 a.C., os fatos ocorridos nos reinados de Joacaz (609), Joaquim (609-598), Joaquin (598) e Sedecias (598-587). Estes momentos foram decisivos para o futuro de Judá. O seguimento que cada rei deu ao seu governo influenciou e determinou o rumo do reino do Sul. A força do Império Babilônico não conseguiu ser detida, naquele instante, por nenhum exército. Mesmo as tropas egípcias não foram o bastante para deter Nabucodonosor. Judá, numa tentativa sem sucessos, se revolta três vezes contra os caldeus, na certeza de um apoio das guarnições egípcias, mas estas são abatidas em Carquemis, antes que chegassem a Judá.

No meio desse ambiente de instabilidade política e rigor das cobranças de pesados tributos, o profeta Ezequiel é vocacionado por YHWH para alertar o povo sobre a grande ameaça que estava por vir, se o povo não se fizesse fiel. O profeta criticava a idolatria de Judá aos outros deuses, os adultérios, as calúnias e a falta de solidariedade entre os judeus. Sobre o profeta Ezequiel procurou-se, também, chegar a uma conclusão sobre o seu possível posicionamento político (pró ou contra-babilônico) e social na época. Sobre o Livro de Ezequiel foi feita a exegese do capítulo 17, levando em consideração suas teses principais. Nele, o autor relata em forma de alegoria a deposição do rei Joaquin e sua deportação; ascensão de Sedecias ao trono, sua submissão e revolta a Nabucodonosor, sob a esperança de ajuda do Egito, contra o imperador caldeu.

Na segunda parte da pesquisa foram investigados o reinado de Nabucodonosor II, seus feitos em Judá e suas conquistas territoriais. Os relatos contidos na Crônica Babilônica (B.M. 21946) vão de um período de 605 a 594/3 a.C. Nela são mencionadas a morte do imperador Nabopolassar (pai de Nabucodonosor II), a elevação de Nabucodonosor II ao trono e suas várias expedições à Síria e Asquelom, e as batalhas em Carquemis. A partir dessas referências foi possível chegar a uma aproximação de datas e constatação de alguns fatos.

A terceira carta dos Óstraca de Láquis é escrita por judeus palestinos para outros judeus que estavam no Egito. Além de fazer referência a um profeta desconhecido que envia uma carta de advertência, ela menciona uma missão no Egito. Mas, devido ao conteúdo fragmentário, a interpretação ainda é muito difícil.

Através de resquícios arqueológicos do território de Judá foi constatada a importância da fortaleza de Láquis, um dos últimos territórios conquistados por Nabucodonosor. Esta foi destruída num incêndio.

Conclusões

Com a análise de todas as fontes, bíblicas ou extra-bíblicas, se constatou a veracidade de muitos fatos e maior aproximação de datas, por exemplo, da batalha de Carquemis (605 a.C.), do ano em que Nabucodonosor aderiu ao trono (605 a.C.) e capturou Jerusalém (597 a.C), entre outras datas importantes.

Foram constatados a relação que o Egito ainda tinha com Judá, mesmo depois de o Império Babilônico ter dominado a Síria e a Palestina; o papel e a influência dos profetas, sobretudo de Jeremias e Ezequiel, sobre o povo. Não ficou determinado se Ezequiel realmente era pró-babilônico, e sim que o profeta via na dominação babilônica um castigo de YHWH, pelas infidelidades do povo e pelo não cumprimento da promessa de vassalagem do rei Sedecias a Nabucodonosor.

Com a confrontação das fontes, pode-se concluir também que estas entram em conformidade em muitos aspectos, mostrando que os autores bíblicos se utilizavam dos acontecimentos do cotidiano para formular suas profecias de advertência ao povo.

Referências

ALBERTZ, R. *Historia de La Religión de Israel en tiempos del Antiguo Testamento*, v.1-2. Madrid, 1999.

BRIGHT, J. *História de Israel*. São Paulo, 1978.

CAZELLES, H. *História política de Israel – desde as origens até Alexandre Magno*. São Paulo, 1987.

DONNER, H. *História de Israel e dos povos vizinhos*, v. 1-2. São Leopoldo – Petrópolis, 1997.

GUNNEWEG, A.H.J. *História de Israel. Dos primórdios até Bar Kochbah e de Theodor Herzl até os nossos dias*. São Paulo, 2005.

LIVERANI, M. *Para além da Bíblia*. São Paulo, 2008.

PRITCHARD, J.B. *Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament*. Princeton, 1969.

WISEMAN, D.J. *Chronicles of Chaldean Kings (626-556) in the British Museum*. London, 1961.

MAZAR, A. *Arqueologia na terra da Bíblia*. São Paulo, 2003.